

**DA GRAMÁTICA AO USO: AS PALAVRAS ESTRANGEIRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO****From grammar to usage: foreign words in Brazilian Portuguese**José Juvêncio de Souza Neto<sup>1</sup>  
Amanda Mikaelly Nobre de Souza<sup>2</sup>**RESUMO**

Este artigo objetiva investigar as palavras estrangeiras no português brasileiro sob a perspectiva da Lexicografia e considerando o uso das palavras inseridas no interior de alguns verbetes do dicionário de Língua Portuguesa, constituindo-se como parte integrante de nosso vocabulário. Utilizam-se como base teórica o funcionalismo linguístico associado à construção gramatical e à inserção de palavras no âmbito lexical, com base na Lexicografia. O *corpus* foi extraído do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Aulete (2009), que apresenta palavras e expressões advindas de línguas estrangeiras, hoje, parte do léxico da língua materna. Com esta investigação, constata-se que o uso das palavras estrangeiras nada têm a prejudicar nossa língua e que as palavras advindas de países estrangeiros não modificam a gramática, e sim a imposição posta pela própria gramática em função da palavra em uso, relacionada à noção de forma e função, que tende a modificar a estrutura mórfica da palavra através dos usos fonético, morfológico e sintático.

**Palavras-Chave:** Palavra estrangeira; Gramática; Dicionário; Uso; Língua Portuguesa.**ABSTRACT**

This article aims to investigate foreign expressions in Brazilian Portuguese from the perspective of Lexicography and considering the use of words inserted within some entries of the Portuguese language Dictionary, constituting an integral part of our vocabulary. Linguistic functionalism associated with grammatical construction and the insertion of words in the lexical scope, based on lexicography, are used as a theoretical basis. The corpus was extracted from the Dictionary Contemporâneo da Língua Portuguesa Aulete (2009), which presents words and expressions from foreign languages, today, part of the lexicon of the mother tongue. With this investigation, it appears that foreign words have nothing to harm our language and that words from foreign countries do not modify grammar, but rather the imposition imposed by grammar itself depending on the word in use, related to the notion of form and function, which tends to modify the morphic structure of the word through phonetic, morphological and syntactic uses.

<sup>1</sup>Doutor em Letras pelo DINTER PPGL-UERN/IFSertão-PE. Atualmente é membro do grupo de pesquisa: Lexicologia, Terminologia e Ensino LETENS. E-mail: [jjn\\_zezinho@outlook.com](mailto:jjn_zezinho@outlook.com)

<sup>2</sup>Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: [anobredesouza@gmail.com](mailto:anobredesouza@gmail.com)

**Keywords:** Foreigners. Dictionary. Grammar. Portuguese language.

## 1. Introdução

A compreensão equivocada de que o uso das palavras estrangeiras descaracteriza o Português Brasileiro não é recente, pois sempre se falou na necessidade de impedir o ingresso de palavras e expressões estrangeiras em nosso país, a exemplo do Projeto de Lei de 1999, Nº 1.676, que proibia o uso das palavras estrangeiras no Brasil como forma de proteção à língua portuguesa. Eiras (2008), ao debater sobre essa questão, traz uma discussão acerca dos prós e contras da aplicabilidade desse Projeto de Lei.

Entretanto, elencamos que nessa pesquisa trabalhamos na defesa de que o uso dessas palavras e expressões não prejudicam a nossa língua, visto que muitas delas caem em desuso, se perdem no tempo, e são, por sua vez, somente encontradas em manuscritos filológicos. Além disso, existe a questão da mudança linguística, pois, a língua sofre variações e mudanças constantes em seu inventário lexical e no acervo vocabular.

As palavras estrangeiras que resistem ao tempo e são fortemente trazidos à tona pela questão da frequência constante de uso são adicionados ao dicionário, passando a figurar entre nosso léxico e alguns ainda ganham nova forma e função nos moldes da gramática, adquirindo outra pronúncia e/ou grafia motivadas pelas questões fonéticas e morfológicas que fazem parte da nossa gramática, ou seja, mediante uso socialmente.

Considerando que, motivadas pelas pressões constantes e alta frequência de uso, novas palavras e expressões são introduzidas e adequadas ao discurso dos falantes de diversas classes sociais no Brasil, este artigo tem como objetivo investigar as palavras estrangeiras no português brasileiro sob a perspectiva da Lexicografia e considerando o uso das palavras inseridas no interior de alguns verbetes do dicionário de Língua Portuguesa, constituindo-se como parte integrante de nosso vocabulário.

Essas palavras que surgem da influência de outros países desde sempre ganharam força através do uso constante dos falantes. Assim, elas exercem funções pragmáticas<sup>3</sup>, manifestadas pelas classes e fatores sociais, ideologias, e culturas diversas, principalmente no que concerne ao processo constante de mudança e adequações dessas palavras e expressões sócio discursivas da linguagem em uso real, pelos falantes de uma determinada comunidade no ato da comunicação.

---

<sup>3</sup> Por funções pragmáticas entende-se o conjunto completo de conhecimento, crença, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis aos falantes no momento da interação. (PEZATTI, 1998, p. 134).

Não é de hoje que as línguas sofrem mudanças significativas em sua estrutura morfológica e em seu âmbito vocabular, haja vista que as línguas sempre foram, são e serão mutáveis, passíveis de mudanças ao longo dos tempos. Dessa maneira, ressaltamos que a língua materna, ou seja, o português brasileiro, advindo de Portugal, sempre passou e passará por mudanças, pois mesmo se tornando a língua oficial do país, foi miscigenada pelas línguas indígenas já aqui existentes que deixaram traços diferenciando-o do português originado e falado em Portugal. Vale ressaltar ainda que, do continente europeu, não foram apenas os portugueses que interferem na língua, já que, houve a invasão holandesa no nordeste, a invasão francesa, no Rio de Janeiro. Mais adiante, com o advento da imigração de escravizados africanos e as ondas imigratórias do final do século XIX e começo do século XX, a língua portuguesa sofreu novas mudanças e outras palavras foram incorporadas em função do uso, e algumas delas até hoje fazem parte do nosso vocabulário e estão presentes e marcadas no dicionário.

Nesse sentido, vale ressaltar que, nos tempos atuais, com a implementação das novas tecnologias, principalmente da rede de computadores e *internet* em escala global, as distâncias e fronteiras foram quebradas, aproximando, assim, as pessoas de diversas partes do mundo e com culturas e ideologias diferentes que são trocadas e manifestadas através da língua(gem).

Nisso, as palavras estrangeiras em nossa língua são utilizadas socialmente, o que convém chamar de estrangeirismos, mas também pela modalidade escrita, conforme, com o *corpus* supracitado. Dessa forma, se considerar os dicionários terminológicos, principalmente ligados à informática, à entrada do vocábulo estrangeiro é simultâneo entre escrita e fala, em artigos científicos que ganham expressões vocabulares para que sejam imediatamente apreendidas e consumidas: por exemplo, dar um ‘up’ em algum aplicativo ou programa virou “upar”; quando se ganha/ conquista algo em um jogo virou “farmar” e assim por diante, o que poderiam se configurar como neologismos tecnológicos, todavia ressaltamos, não ser esse o foco deste estudo.

Para a reflexão aqui suscitada, utilizamos como base teórica estudos que versam sobre o funcionalismo linguístico associado à construção gramatical, bem como a inserção de palavras no âmbito lexical com base na Lexicografia. Sendo assim, no tocante ao funcionalismo, buscamos respaldo em alguns autores, a exemplo Garcez e Zilles (2001) Votre e Naro (2012), enquanto Welker (2004) e Pontes (2009) embasam as discussões em torno da lexicografia. O *corpus* foi extraído do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Aulete (2009), que apresenta palavras e expressões advindas de línguas estrangeiras, que se instalaram no nosso meio sócio discursivo e hoje fazem parte do léxico da nossa língua materna, a ponto

de ganharem um lugar de destaque no interior do verbete e, conseqüentemente, na microestrutura do dicionário. (PONTES, 2009).

Este artigo compõe-se de cinco seções principais. A primeira corresponde à esta introdução, em que foram apresentados os objetivos desta investigação, posteriormente discutimos sobre a fundamentação teórica, ou seja, os textos que selecionamos para confeccionarmos a escrita do respectivo trabalho. A terceira fazemos um pequeno percurso sobre importância da gramática e do uso das palavras no português brasileiro, em seguida, analisamos os dados coletados nos verbetes do dicionário, *corpus* da pesquisa, investigando a inserção e utilização frequente das palavras estrangeiras em função do uso. Por fim, retomamos em nossa conclusão os resultados alcançados e suas contribuições para o estudo do funcionalismo da língua em uso.

## 2. Do funcionalismo à lexicografia

Este tópico trata das teorias do Funcionalismo linguístico de cunho europeu, situado nos estudos de Garcez e Zilles (2001) Votre e Naro (2012), bem como das questões relacionadas ao léxico com ênfase na Lexicografia com base em Welker (2004) e Pontes (2009). O funcionalismo defende que forma e função são igualmente pertinentes para a reflexão sobre a língua. Assim, uma forma tida como nova só poderá existir para atender uma necessidade do multissistema. Com a inserção do estrangeirismo, o usuário da língua faz uso da nova palavra e adequa seu discurso para suprir a falta de uma forma que realize a função desejada.

Desde que o português foi instalado no Brasil e, conseqüentemente, ganhado o *status* de língua oficial do país, sempre esteve, está e estará sujeito à mudanças significativas em seu vocabulário lexical, haja vista que a língua está em constante mudança, especialmente no que concerne ao uso pragmático e ao funcionamento linguístico na escrita (semântica, morfologia e sintaxe), e principalmente na oralidade da língua falada (fonética).

Os fatores social e político atrelados à frequência de uso, exercem pressões que provocam mudanças linguísticas já que é notável a importância, implantação e aceitação de uma determinada palavra de cunho estrangeiro no vocabulário, pois são as pressões exercidas pelo uso constante dos usuários/falantes que se apropriam do empréstimo dessas palavras e permitem que as palavras estrangeiras ganhem força entre uma comunidade, estado, região e, muitas vezes, por todo o país.

Todavia, vale ressaltar que, por vezes, muitas dessas palavras rapidamente caem em desuso o que as torna “inofensivas”, passando a figurarem apenas como uma febre passageira entre os falantes e, ao caírem em desuso, perdem a chance de figurarem no interior do verbete

do dicionário, e ganharem nova forma em função da gramática em uso real manifestada pela fala no ato comunicativo. Assim, de acordo como Votre e Naro (2012, p. 17), sobre o uso da língua em comunicação na situação social:

Origina-se a forma da língua, com as características que lhe são peculiares, inclusive, diferentes graus de instabilidade associados a diferentes subsistemas. Isso supõe entender a língua como objeto maleável, probabilístico e não determinístico. Portanto, nessa visão, a estrutura (ou a forma da língua) é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações em que se fala.

Dessa maneira, compreendemos que a língua em situação discursiva, ou seja, falada, está sempre permeada por um grau de instabilidade que causa mudanças em sua estrutura, pois o uso origina a forma através do funcionamento linguístico, pragmático e discursivo, todavia, sem prejudicar o vocabulário lexical, mas, sim, ampliá-lo, quando for possível e/ou se fazer necessário. Compreendemos, nessa perspectiva, que “[...] a gramática é dinâmica e resulta de regularidades advindas das pressões de uso da língua, portanto, nunca se estabiliza” (ROST, 2002, p. 117).

Para a linguística funcional o livre arbítrio do uso da língua pelos falantes em respeito à natureza probabilística é natural e está voltado para a questão da liberdade do uso sem controle. Ou seja, o uso interno e externo acontece de forma natural, e não prejudica a estrutura linguística, pelo contrário essa estrutura é derivada no e pelo discurso. Conforme Votre e Naro (2012, p. 45):

Os dados do funcionalista são buscados no discurso; são portanto, concretos e contextualizados. Permitem a verificação empírica, a contagem de frequências, a visão e o controle do contexto linguístico anterior e posterior, e a correlação com variáveis socioculturais e pragmáticas.

Dessa maneira, compreendemos que os funcionalistas trabalham com dados reais da língua em uso, expressada através do discurso, trazendo à tona a frequência de uso das palavras que, por sua vez, fogem do controle linguístico no ato da comunicação, expressado na pronúncia do ato de fala, bem como na modalidade escrita da língua.

A questão das palavras estrangeiras vai além da mera apropriação pelos falantes da língua, dos termos, palavras e expressões advindas de outros países, pois a utilização e a conseqüentemente incorporação dessas novas palavras são motivadas pela necessidade em se definirem signos e objetos que são externos à comunidade na qual o falante está inserido. Conforme Garcez e Zilles (2001, p. 15), “estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso do brasileiro, posto

simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português”, em partes, pela razão supracitada.

Assim sendo, entendemos que as palavras estrangeiras são palavras que tomamos emprestadas de outros países pela simples necessidade de nomearmos novos objetos e coisas que passamos a conhecer, pois sabemos que a maioria dos produtos industrializados e tecnológicos são advindos de outros países. Só para citar um exemplo, podemos nos valer das tecnologias, tais como o computador e a *internet*, que trazem consigo uma vasta rede de publicidades em prol do entretenimento e do consumismo desenfreado. Assim, estamos fadados a usufruir de tais inovações e novidades em nosso dia a dia e, como não poderia ser diferente, surge a necessidade de conhecermos, aprendermos e falarmos com frequência tais palavras e expressões, que são de uma terminologia que é própria da área técnico-científica da informática. Segundo Garcez e Zilles (2001, p. 22-23),

O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados.

Dessa forma, fica evidente que os estrangeirismos são necessários; entretanto, muitas vezes os usuários se apropriam de palavras estrangeiras apenas pelo calor do momento, ou seja, apenas pelo fato de acharem tais palavras esteticamente mais aceitáveis para nomear algo ou alguma coisa que já tenha uma palavra equivalente em nossa língua materna para descrevê-la. Isso se dá quando nos referimos às palavras advindas principalmente da língua inglesa que é uma das línguas mais faladas no mundo, e que tem o advento de ser a língua oficial dos Estados Unidos da América (EUA), que, como sabemos, é atualmente um dos países mais desenvolvido do mundo.

Com o uso constante das palavras estrangeiras, surge a necessidade de que essas novas palavras e expressões sejam inseridas na microestrutura dicionário, descritas mais a diante. Atualmente, é comum encontrarmos, nos mais variados tipos de dicionários, verbetes com marcação de uso dos estrangeirismos sendo colocados como verbete principal, composto com enunciado e exemplos de uso, tais como os demais verbetes que compõem o texto dicionarístico. De acordo com Pontes (2009, p. 135):

No tocante aos estrangeirismos, a transcrição fonética da palavra-entrada ocorre por inteiro, caracterizando a transcrição total. Todos os segmentos fonéticos são transcritos, procedimento muito apropriado para as entradas categorizadas como empréstimos. O mesmo procedimento se aplica às palavras da língua portuguesa.

Assim, destacamos que a inserção dos estrangeirismos é vista apenas como empréstimo, e que ao ser incorporada ao léxico da língua portuguesa, não o modifica. Logo, os procedimentos utilizados pelos organizadores de dicionários são constantemente coerentes com essas palavras colocando-as em pé de igualdade com as palavras da língua materna.

No que concerne ao ingresso total de uma palavra de origem estrangeira no nosso vocabulário lexical, destacamos que isso diz respeito aos diversos levantamentos feitos por uma equipe de lexicógrafos que observam e verificam se a frequência de uso é suficiente para a inserção e, conseqüentemente, consolidação e aceitação da nova palavra para fazer parte do acervo lexical. Vejamos o que diz Welker (2004, p. 131) sobre a necessidade de marcação ou não dos estrangeirismos no dicionário:

Os tecnoletos<sup>4</sup> e os estrangeirismos parecem oferecer menos dificuldades por poderem ser relativamente bem delimitados. Entretanto, nos dois casos, a questão essencial é determinar a partir de que momento esses lexemas<sup>5</sup> não precisam mais ser marcados, por terem entrado no léxico comum (grifos do autor).

Compreendemos que os estrangeirismos são tomados por empréstimos e, dependendo do alto grau de frequência com que são usados através da fala e escrita, nas mais variadas situações discursivas, podem ganhar uma forma particular e se fundirem ao léxico da língua que os recebe, contribuindo assim, para aumentá-lo, deixando de ser apenas um neologismo e tornando-o a figurar como palavra comum de uma comunidade linguística, ganhando espaço diferenciado e abandonando sua própria essência de estrangeirismo que figurava no dicionário.

A Lexicografia é definida como a arte ou técnica de confecção de dicionários, glossários e enciclopédias. O nosso foco nesse estudo recai sobre o dicionário, em que apresentamos os tipos de dicionários e dissecamos sua estrutura. Sobre o crescimento da Lexicografia no ensino de língua portuguesa, Xatara (2008, p. 220) afirma que:

O desenvolvimento da LP abre o ambiente da produção lexicográfica para a participação de setores da sociedade que tradicionalmente ficavam à margem desse processo. Tudo indica que esse segmento da lexicografia vai ganhar um *status* de uma nova disciplina, principalmente por demandar uma série de pesquisas que focam não a matéria lexicográfica em si, mas a obtenção de

---

<sup>4</sup> Entende-se por tecnoleto como sendo o conjunto de variedades de uma língua que reúne o vocabulário e o linguajar usado para expressar a tecnologia e o agir de uma ciência, arte, esporte, área técnica e/ou tecnológica, em qualquer campo específico de conhecimento. (ALVES, 2001).

<sup>5</sup> Compreende-se lexema como a unidade de base do léxico, que pode ser morfema, palavra ou locução; lexia. Dessa forma os lexemas são morfemas que nos remetem ao mundo da realidade concreta ou abstrata, ou seja, ao aspecto notional. São lexemas, no português: raízes dos substantivos, adjetivos, verbos, numerais e advérbios nominais. (MARTINET, 1974).

subsídios que auxiliem a elaborar obras cada vez mais adequadas ao ensino/aprendizagem do léxico.

Desse modo, entendemos que é através da Lexicografia, ciência que se ocupa da confecção dos dicionários que podemos obter o material de apoio ao sentido e/ou significado das palavras, bem como sua adequação ao discurso através do contexto, das marcas ideológicas e dos exemplos de uso, elementos que se fazem presentes na composição do verbete lexicográfico.

Os dicionários, em geral, cumprem várias funções e se apresentam de diversos formatos. Por isso, há a necessidade de apresentar classificações em face das grandes variedades dos tipos de dicionários existentes, assim sendo foi necessário caracterizar e distinguir os tipos de dicionários. Segundo Pontes (2009, p. 30), “os dicionários são numerosos e diversos, daí a necessidade de categorizá-los em tipos”.

Essa necessidade de se organizar as tipologias lexicográficas foi fundamental para os avanços sobre o estudo e uso dos dicionários, tal variedade resulta na escolha pelos usuários, seja para um público geral e/ou especializado. Desta forma temos dicionários gerais, escolares, de aprendizagem, especiais, especializados.

Os dicionários apresentam em sua organização a microestrutura, que é uma das partes mais importantes que o compõem, pois é nesse eixo que se encontram as informações presentes no verbete e se situa após a entrada. De acordo com Welker, (2004, p. 107):

A microestrutura de base [...] é composta das ‘informações’ ordenadas que seguem a entrada e têm uma estrutura constante, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada. Denominamos ‘verbeta’ esse conjunto de *Entrada + Enunciado Lexicográfico*.

Dessa maneira compreendemos a importância do verbete no dicionário, pois é através dele e por ele que devemos nos orientar quando recorrermos ao uso do dicionário.

O verbete de um dicionário, como mencionado, é composto por uma entrada e uma microestrutura. No que concerne à microestrutura, Welker, (2004, p. 107), definiu a microestrutura como “o conjunto de informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Dessa maneira compreende-se que a microestrutura se adequa de forma linear e constante dentro do corpo do verbete. A entrada caracteriza-se por iniciar o verbete, é dela que apresentam informações linguísticas, discursivas, e gramaticais. Elas geralmente ganham o destaque em negrito e/ou letra diferenciadas, e ainda são necessárias para a formação do verbete lexicográfico. Pontes, (2004, p. 112), aponta que, entrada (palavra-entrada ou lema) é:

A unidade léxica de qualquer extensão que, na composição do verbete lexicográfico, é objeto de definição ou explicação e, eventualmente, de tratamento enciclopédico. Representam a unidade léxica uma palavra, uma locução, uma frase, um sintagma, um símbolo.

Assim sendo, ressaltamos que a organização do verbete se dá a partir das informações da entrada, embora se apresente de forma distinta, deste modo entendemos que para cada dicionário há um tipo de organização e classificação dos verbetes. Conforme Pontes (2009, p.104):

Num verbete de dicionário escolar, explicitamente, podem aparecer as seguintes informações: palavra-entrada; pronúncia; informação fônica; informação gramatical; marca lexicográfica; definição; família de palavra; parte sintagmática e parte paradigmática. Dessa forma, temos então em um dicionário um sistema linguístico morfológico, semântico e pragmático perfeitamente delimitados.

No dicionário terminológico, não é diferente, pois as marcas gramaticais são necessárias para a compreensão das definições que, segundo Santiago (2007, p. 39-40), “a importância de um sistema de informações que considere a dinâmica da criação terminológica, visto que assim como a língua geral, as línguas especializadas não negam aspectos morfossintáticos e semânticos e pragmáticos”.

Desse modo, seja em qual tipo de dicionário for, a presença de estrangeirismos e empréstimos se fazem presentes, oriundas das pressões sócio discursivas, relacionadas a fatores políticos, econômicos e culturais, além da crescente evolução tecnológica que geram novos termos e palavras em várias línguas faladas pelo mundo.

### **3. Tratamento das categorias de análise: gramática e uso**

Neste tópico, buscamos situar o leitor sobre a gramática da língua portuguesa, bem como a inserção das palavras estrangeiras no dicionário e o uso social destas pelos usuários da linguagem. Com isso, oferecemos os critérios que utilizamos para a análise das palavras estrangeiras que obtiveram *status* de permanência nos dicionários, motivadas principalmente pelo uso linguístico com um alto grau de frequência em determinado período sócio-histórico a favor da linguagem.

Desse modo, partimos do conceito de gramática com foco no uso linguístico, já que é a partir da utilização das regras gramaticais que sistematizamos os aspectos lexicais, semânticos e pragmáticos da linguagem e a partir dos recursos que temos a disposição no âmbito das línguas naturais. Outro importante fator é relativo ao uso das palavras que organizamos para a composição e exposição através da fala/escrita que compõe o processo comunicativo entre as

estruturas da língua, oriundas dos elementos que formam a gramática, tais como: a fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, etc.

Ademais, destacamos a importância da frequência de uso com que as palavras são empregadas pelos falantes/escritores de determinada linguagem, seja ela comum e/ou especializada, uma vez que é esta frequência que caracteriza uma palavra como pertencente a um determinado campo semântico, bem como o tempo (sincrônico ou diacrônico) em que é/foi empregada dentro do âmbito linguístico. Logo, com esse viés, entendemos que as palavras precisam seguir as regras gramaticais e de uso e, ainda, que é a frequência de utilização das palavras que as classificam e oferecem a elas um lugar de destaque dentro do universo da linguagem, bem como é esse mesmo uso que as enterram esquecidas entre os manuscritos históricos e filológicos.

Com base nos pressupostos anteriormente levantados, destacamos os seguintes critérios levantados para a análise dos dados descritos no próximo capítulo. Ressaltamos que tais categorias de análise são destinadas à busca pelo entendimento da inserção das palavras estrangeiras (estrangeirismos) no interior dos verbetes do dicionário, motivados pela frequência de uso em que essas palavras advindas de outras línguas estrangeiras se inserem na língua portuguesa, e se adequam à gramática modificando a sua estrutura e pronúncia, mas se mantendo presente no dicionário por causa da forte pressão exercida pelo uso linguístico, advindo de todas as camadas sociais, já que todos os falantes fazem uso da linguagem para o ato comunicativo. Assim sendo, vejamos os critérios:

1º que todas as palavras sejam retiradas do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Aulete (2009);

2º que os verbetes trazidos para a análise sejam todos oriundos de palavras estrangeiras presentes no dicionário;

3º que as palavras que compõem o *corpus* sejam extraídos de verbetes com a letra “S” do nosso alfabeto.

Por fim, ressaltamos que é com base em tais critérios que desenvolvemos a análise a ser ofertada no capítulo seguinte, uma vez que fizemos um levantamento de apenas uma letra do nosso alfabeto e ainda utilizamos um único dicionário entre os tantos exemplares que existem na língua portuguesa. Portanto, lembramos que este artigo é apenas um embrião que fomenta novos questionamentos e indagações para tornar-se no futuro uma pesquisa mais equilibrada e com maior ênfase e desenvolvimento sobre o tema em questão.

#### 4. Análise das palavras estrangeiras no dicionário de língua portuguesa

Para nossa investigação, tomamos por base um levantamento de palavras e expressões advindas de outros países que, por sua vez, encontram-se imbricadas no corpo da microestrutura do dicionário, ou seja, no interior dos verbetes. Dessa maneira, escolhemos como *corpus* palavras encontradas e extraídas do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Aulete (2009), em que trazemos à tona palavras com marcas de uso específicas, pois encontramos no dicionário palavras que já veem marcadas em umas das acepções do verbete: a marca de uso lexicográfica e terminológica.

Justificamos a escolha do dicionário de Aulete (2009) pelo fato de este ser um dicionário escolar, bem como pelo fato de ser consultado não somente por estudantes, mas também por professores, pesquisadores e especialistas que estudam o acervo lexical da língua portuguesa.

Percebemos que, nos verbetes de Aulete (2009), localizamos palavras e expressões marcadas com siglas estrangeiras tal como (*Ing*), como exemplo da marcação de palavra advinda da língua inglesa, visto que atualmente a língua inglesa é a que mais empresta palavras para a adequação do uso no português do Brasil. Conforme Biderman (1978, p. 139), “[...] as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer”. Vale, destacar, ainda, que existem outras palavras com marcações advindas de outros países. Desse modo, “Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Dessa forma, iniciamos nossa análise mostrando como as palavras estrangeiras estão presentes no dicionário, constituindo-se como parte deste na composição do verbete lexicográfico e/ou terminológico. Logo, enfatizamos que em Aulete (2009), as palavras estrangeiras são marcadas pelo símbolo de um pequeno globo terrestre em preto e branco.

Para nossa investigação, elegemos 43 verbetes como constituição do nosso respectivo *corpus*. Esta escolha foi feita tomando por base a letra “S” do nosso alfabeto, ressaltamos que essa escolha em nada influencia aos padrões da pesquisa, haja vista que poderíamos ter escolhido qualquer outra letra do alfabeto. Em seguida, retiramos os verbetes que representam palavras e expressões estrangeiras que hoje figuram na nossa língua e são comuns no nosso cotidiano de uso regional ou nacional, mesmo que não conheçamos ou façamos uso de tais palavras.

Assim sendo, os verbetes que compõem nossa análise são: *sashimi, savoir-faire, scanner, scherzo, script, self-service, set, sexy, shiatsu, shopping center, short, show, sic, silk-screen, sine die, single, site, skate, skinhead, slide, slogan, smartphone, smoking, socialite, software, songbook, souvenir, spa, spot, spray, squash, staff, statu quo, status, stress, striptease, sudoku, sui generis, sundae, sursis, sushi, sweepstake, swing.*

Estes verbetes são palavras estrangeiras em uso no Brasil e com um determinado grau de frequência. Dessa forma, ressaltamos que, em Aulete (2009), encontramos verbetes que trazem em sua composição a marca de uso social, o que se caracteriza como estrangeirismo. Nisso, afirmamos ter, em nosso *corpus*, palavras advindas do inglês, japonês, francês, italiano e do próprio latim.

Começamos nossa investigação pelas palavras estrangeiras advindas da língua inglesa, pois elencamos que esta é a que mais empresta palavras para o português. Essas palavras são inseridas no nosso léxico através do uso dos falantes e as vezes tendem a sofrer modificações em sua estrutura gramatical e se adequar às necessidades dos falantes, constituindo-se assim como nova palavra utilizada. É esse uso frequente da palavra dicionarizada que dá lugar aos estrangeirismos. Vejamos as palavras advindas da língua inglesa que são usadas no Brasil:

Lista de Palavras advindas do Inglês: *scanner, script, self-service, set, sexy, shopping center, short, show, silk-screen, single, site, skate, skinhead, slide, slogan, smartphone, smoking, socialite, software, songbook, spa, spot, spray, squash, staff, stress, striptease, sundae, sweepstake, swing.*

Conforme posto acima, encontramos trinta empréstimos de palavras da língua inglesa, e, por isso, entendemos que atualmente é do inglês que mais fazemos empréstimos para a composição da nossa língua através da palavra dicionarizada, da gramática e, principalmente, do uso linguístico manifestado pela fala e pela escrita.

Percebemos que os verbetes advindos da língua inglesa têm um grau de frequência de uso enorme e muitos deles já se aportuguesaram e fazem parte do nosso cotidiano, como, por exemplo, o verbo *Stress*, que virou estresse; o *self-service*, que virou serve-serve e *shampoo* que se tornou xampu. Destacamos que todos os verbetes da língua inglesa são usados com alto grau de frequência, o que, por sua vez, motiva a existência do que convém chamarmos de estrangeirismos: uso social de palavras estrangeiras dicionarizadas.

Em razão do uso frequente, os empréstimos da língua inglesa foram incorporados de maneira sucinta e precisa no dicionário Aulete (2009). Vejamos os verbetes abaixo:

**Scanner** (Ing. / scanêr/) *sm. Inf.* **1** Qualquer dispositivo capaz de converter imagens impressas em sinais elétricos. **2** Aparelho que vale textos, imagens

etc. impressos com um feixe de luz e os registra como uma matriz de pontos em arquivo eletrônico. [Ver tb. *OCR*.]

**Smartphone** (*Ing. / smartfôn/*) **sm.** *Telc.* Celular com funções avançadas (internet, *e-mail*, câmera etc.).

**Software** (*Ing. / sóftuer/*) **sm.** **Inf. 1** Em computador ou sistema de computação, os elementos não físicos de processamentos de dados, como programas, sistemas operacionais etc. **2** Qualquer programa de computador. [Cf.: *hardware*.].

Percebemos, na composição destes três verbetes, e tomando como exemplo o verbe “**Software**”, marcado em negrito e itálico (***Software***), percebemos que a marcação como de origem da língua inglesa (*Ing*), seguida da pronúncia em português (*sóftuer*), a informação gramatical (**sm**), a marca de uso terminológica (*Inf*), que significa que esse termo remete à área da informática, e, por fim, às acepções com seus respectivos enunciados do verbe em que é expresso o(s) significado(s) atribuído(s) à palavra e o que ela designa.

Lista de Palavras advindas do Latim: *sic, sine die, statu quo, status, sui generis*

Ressaltamos que essas cinco palavras do latim, a língua mãe, sobreviveram, ou melhor, ressuscitaram e passam a figurar no dicionário, e ainda hoje fazem parte da nossa língua. Embora estas palavras, encontradas em Aulete (2009), não sejam muito conhecidas, têm uma certa frequência de uso, não apenas na linguagem contemporânea, mas também em textos jurídicos e literários, por exemplo e, por isso, estão no acervo de verbetes do dicionário. Todavia, damos um destaque especial para o verbe “*status*”, pois esta palavra proveniente da língua mãe sobreviveu ao tempo e ainda hoje figura na boca dos falantes em todo território brasileiro. Vejamos:

**Status** (*Lat. /status/*) **sm2n. 1** Posição profissional ou social de uma pessoa. **2** Importância ou prestígio sociais dados a alguém ou algo: *Carro importado é símbolo de Status*.

Lista de Palavras advindas do Japonês: *Sashimi, shiatsu, sudoku, sushi*

Em seguida, temos o Japão com quatro palavras. Ressaltamos a importância da revolução tecnológica advinda da rede de computadores e *internet*, que ligam o mundo através de interação comunicativa, aliada a imigração, também influenciou nessa troca de culturas, ideologias e linguagens. As palavras advindas do Japonês são mais relacionadas à culinária, dado que observamos que tais palavras são comidas típicas do país oriental. Vejamos o verbe abaixo:

**Sushi** (*Jap. /suchí/*) **sm.** *Cul.* Comida japonesa que consiste de bolinhos de arroz com um pedaço de peixe cru, ovas etc., temperados com saquê e vinagre.

Lista de Palavras advindas do Francês: *savoir-faire, sursis, souvenir*

Com esses três empréstimos, o francês também contribuiu para o português, embora essas palavras soem um pouco desconhecidas para algumas regiões, principalmente entre falantes de classe baixa e/ou com pouca escolaridade. Estas palavras estão presentes e ganharam um sentido próprio no dicionário.

O caso de ter apenas esses três verbetes advindos da língua francesa reafirma a nossa tese de que os empréstimos jamais substituíram nossa língua materna, pois anteriormente, o francês era a língua que mais emprestava palavras para o nosso vocabulário, entretanto acabou que hoje em dia tais palavras caíram em desuso e se perderam no esquecimento das páginas de manuscritos antigos. Vejamos o verbete abaixo:

*Sursis* (Fr. / *sursis*/) *sm2n*. *Jur.* Suspensão condicional da pena.

O verbete descrito acima é uma palavra que soa estranho, uma vez que é marcada como terminológica do campo jurídico, ou seja, é mais usada por advogados, juízes e pessoas envolvidas no campo do direito judicial.

Lista de Palavras advindas do Italiano: *Scherzo*

Por fim, temos uma única palavra italiana, entretanto ela aparece no interior do dicionário como verbete próprio. Vejamos:

*Scherzo* (It. /*squêrtzo*/) *sm*. *Mús.* Composição viva e alegre com passagens rápidas.

Esse termo também não é muito conhecido pelos falantes comuns, pois é também um termo técnico científico que pertence à terminologia da música. Dessa forma, é mais falado e conhecido pelos falantes que se dedicam, vivem e/ou trabalham com a música.

Após esse levantamento das palavras e expressões estrangeiras presentes no dicionário da língua portuguesa e em uso social, passamos a formulá-las como a posição que elas assumiram, assumem e/ou venham a assumir no nosso vocabulário lexical, mostrando como a frequência de uso manifestada através da fala fez com que esses empréstimos ganhassem espaço em nosso repertório lexical, motivadas pela fala e moldadas pela gramática.

## 5. Considerações finais

Tendo em vista a discussão acerca do uso das palavras estrangeiras no Português Brasileiro, percebemos que essas palavras e expressões nada têm a prejudicar à nossa língua, pelo contrário elas só têm a somar e enriquecer nosso vocabulário, se considerarmos a perspectiva cultural que está intrinsecamente relacionada ao fenômeno. Logo, de nenhuma maneira o léxico será afetado negativamente.

Assim sendo, destacamos que as palavras advindas de países estrangeiros não modificam a gramática, ao contrário, é a imposição posta pela própria gramática em função da palavra em uso, relacionada com a relação de forma e função, que tende a modificar a estrutura mórfica dessas palavras através do uso fonético, morfológico e sintático. Motivada pela pressão e estabelecida pela frequência de uso entre os falantes, essa alteração permite que essas expressões ganhem uma nova roupagem.

Dessa maneira, essas palavras ganham força e um papel de destaque na vida e no cotidiano sóciodiscursivo entre os falantes usuários da língua. E é essa frequência de uso que determina a inserção das palavras estrangeiras no dicionário de Língua Portuguesa, e algumas vezes cheguem a se constituir como parte da nossa gramática e, conseqüentemente, sejam modificados por ela em função do uso linguístico e principalmente extralinguístico, passando assim a serem reconhecidas e trancafiadas no dicionário, de modo a constituir um sentido próprio, que, por sua vez, também poderá e deverá ser modificado em função do uso, uso este, que está para além do dicionário.

Destacamos que as palavras retiradas do dicionário Aulete (2009), na sua acepção da letra “S”, que utilizamos para nossa investigação, foi apenas um esboço para mostrarmos que o uso das palavras estrangeiras é comum não apenas na língua portuguesa, mas em todas as línguas, pois é inerente aos indivíduos fazer empréstimo de palavras advindas de outros países com outras culturas e ideologias diferentes, simplesmente pela necessidade de nomear objetos e demais ações de caráter comunicativo que se fizerem necessárias no meio social.

Desse modo, colocamos em pauta que o uso das palavras estrangeiras se apresentam em duas categorias distintas: a primeira diz respeito às palavras emprestadas de outras línguas, mas que mantêm sua grafia original; já a segunda decorre de um estágio final em que a palavra é incorporada ao sistema da língua em que foi inserida. Neste estágio, a palavra estrangeira ganha nova forma e função, através da fala e da escrita, motivado por traços fonéticos e morfológicos advindos da influência da gramática.

Vale lembrar que o português brasileiro, assim como qualquer outra língua, continua e continuará sempre sujeito a mudanças, entretanto essas mudanças jamais causarão desastres ou prejuízos a nossa língua materna, pois compreendemos que tais palavras são, por razões sociocomunicativas de interação, motivadas pelo uso constante e frequente dos falantes responsáveis por essas mudanças, uma vez que são os usuários da língua pragmática e sociodiscursivamente que moldam a linguagem em seu uso.

Logo, essas mudanças manifestam-se principalmente na oralidade, mas observamos também, no inglês, na modalidade escrita, fazendo com que as palavras estrangeiras ingressem

nossa língua, aumentem nosso vocabulário lexical e contribuam para ampliar nossa formação cultural. Assim, não devemos temer os estrangeirismos, que é consequência do uso das palavras estrangeiras, pelo contrário entender que eles proporcionam um enriquecimento à nossa língua, ampliando, pois, as possibilidades de comunicação, embora já aportuguesados pela imposição da nossa gramática, e, conseqüentemente, com seu lugar reservado, ou seja, com seu espaço de direito conquistado em seu ingresso junto à microestrutura, ao compor alguns dos verbetes do dicionário.

## Referências

ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, AM de, ISQUERDO, AN (Orgs.), **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

EIRAS, A. C. F. **Estrangeirismos: a aplicabilidade do Projeto de Lei Nº 1.676/99**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*). Faculdade de Educação São Luís: Jaboicabal, SP, 2008, 28f.

GARCEZ, P. M; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 15-36.

MARTINET, A. **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1974.

NARO, A. J; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: VOTRE, S. J. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 17-28.

NARO, A. J; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. In: VOTRE, S. J. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 43-48.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEZATTI, E. G. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. **Alfa**, São Paulo, 42: 133-150, 1998.

PONTES, A. L. **Dicionário para Uso Escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza, EdUECE, 2009.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica. **Working Papers em Linguística**. N. 6, p. 116-134, Florianópolis: UFSC, 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6123/567>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SANTIAGO, M. S. **Redes de palavras-chave para artigos de divulgação científica da medicina**: uma proposta à luz da terminologia. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. L et al. (org.). **Lexicografia Pedagógica**: definições, história, peculiaridades. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.